

# OS SABERES DA GUERRA: O PENSAMENTO DE CARL VON CLAUSEWITZ NO BRASIL (1990-2019)

Tássio Franchi<sup>1</sup>  
Sandro Teixeira Moita<sup>2</sup>

## RESUMO

---

Carl von Clausewitz (1780-1831) é reconhecidamente um dos maiores teóricos da guerra no mundo ocidental. Este trabalho investigou como seus conhecimentos têm sido utilizados no Brasil, entre 1990 e 2019. A hipótese é que a produção no período se ampliou na medida em que ocorreu uma transformação e expansão do aparato de Defesa no país, o que impulsionou o debate em Estratégia e conseqüentemente mais obras relacionadas a Clausewitz. A pesquisa foi limitada à produção em forma de artigos e capítulos de livros, devido a maior circulação desses meios de divulgação do que teses, dissertações ou monografias. Para realizar a pesquisa foram investigadas plataformas com Scopus, Portal de Periódicos Capes, Google Scholar e sites de revistas acadêmicas. Os resultados mostraram onde e com qual finalidade Clausewitz tem sido trabalhado no Brasil.

**Palavras-chave:** História Militar; Ciências Militares; Teoria da Guerra; Estratégia; Clausewitz.

---

<sup>1</sup> Doutor. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: tasfranchi@gmail.com / Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3434-5560>

<sup>2</sup> Doutorando. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: sandrotm@gmail.com / Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4795-3880>

## INTRODUÇÃO

Sendo a História Militar, o ramo do campo histórico especializado no trato do fenômeno bélico, do conflito e de suas consequências para as sociedades humanas, fica patente sua conexão com a Teoria da Estratégia e a sua articulação para a compreensão do que é a Guerra. Nesse sentido, o impacto das ideias do general prussiano Carl von Clausewitz é relevante na formulação dos planos estratégicos de muitos países (COUTAU-BÉGARIE, 2010, p. 167).

No esforço do movimento construção no Brasil de uma “nova história militar”, renovadora do ramo, podendo ser um movimento que, por fim, rompa o estado de isolamento acadêmico da História Militar, em especial, a dicotomia escolas militares/academia. Embora extremamente popular junto ao grande público, ela ainda enfrenta desafios em sua integração acadêmica, por ser muitas vezes percebida como uma história de fundo patriótico e legitimadora de nacionalismos, com a exaltação de grandes capitães e um resquício da “história-batalha”.

Isolada por estar vinculada a um modelo histórico não mais ligado ao que havia no contemporâneo, esse processo foi aprofundado pela ascensão da Escola dos *Annales*<sup>3</sup> francesa e sua influência na historiografia, cujo ideal a ser buscado era o de uma *história total*, ou seja, algo não limitado pelas dimensões políticas e militares (BURKE, 1997). Isso fez com que a História Militar fosse tida como factualista e ignorante às conexões entre militares e a sociedade em sentido amplo (MOREIRA, 2016: 273).

Tal isolamento só foi vencido por movimentos ocorridos na própria disciplina da História, como a aproximação com outros campos do conhecimento, Sociologia, Antropologia e Ciência Política, e uma forte influência da História Cultural. Isso serviu para alargar os horizontes da História Militar, sem dúvidas, pois os historiadores militares agora levariam em conta os conflitos e seu peso nas sociedades humanas, e como traços delas condicionavam as instituições militares e seu desempenho nos combates (PARET, 1991).

Por meio dessa renovação, foi também possível, uma aproximação entre militares e historiadores civis, o que abriu espaço para um salutar

---

<sup>3</sup> A escola dos Annales é uma importante escola historiográfica de origem francesas. Fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929, e influenciou a formação de diversos historiadores no mundo todo. Para conhecer mais ver: BURKE, Peter. A escola dos Annales (1929-1989). Unesp, 1997.

espaço para debates que iam desde a composição social das instituições militares, sua relação com a política, tal como os estudos sobre aspectos eminentemente ligados ao fenômeno bélico, como o combate e os estudos sobre a Tática e a Estratégia, que começaram a aparecer como produtos dessa aproximação, como no trabalho pioneiro de André Corvisier (1995), dedicado exclusivamente aos estudos das guerras na Idade Moderna.

Embora incomuns, tais estudos têm surgido, superando a tendência dos historiadores civis de lidar com a vida cotidiana dos quartéis para lidar com o desafio representado pelo combate (CASTRO; IZECKSOHN; KRAAY, 2004, p. 28). Assim, devemos afirmar com clareza: o que distingue a história militar, define o seu campo, a caracteriza em relação às suas congêneres – embora os empréstimos e trocas metodológicas sejam necessários – é o embate, o conflito armado. A história militar é, acima de tudo, uma história da guerra e da paz (MORILLO; PAVKOVIC, 2006, p. 5).

Ao tratar de um tema de natureza estratégica, não há estranheza nisso, frente ao campo da Nova História Militar. Sendo assim, o presente trabalho trata de como se deu a recepção da obra do general prussiano Carl von Clausewitz no Brasil, mais especificamente entre os anos de 1990 e 2017.

Carl von Clausewitz nasceu em Burg, no Reino da Prússia, em 1780. Filho de um oficial do Exército prussiano, em uma família em que a maior parte dos homens seguiu a carreira militar, obtendo assim títulos da baixa nobreza, que eram contestados, algo que lhe causava sempre preocupação, que só se encerrou em 1827, com o reconhecimento formal do título da família. Os títulos de nobreza eram condição essencial para o oficialato, o que conferia à nobreza prussiana um caráter diferenciado em face às nobrezas europeias do Antigo Regime (STOKER, 2014, p. 3-6).

Entrando no Exército aos 12 anos, algo típico na Prússia do século XVIII, como soldado em um regimento no qual o pai serviu, Clausewitz se viu envolvido nas guerras da Revolução Francesa. A experiência nos campos de batalha foi crucial para o seu desenvolvimento intelectual a seguir. Considerado distinto, recebeu convite para estudar na recém-aberta Escola de Guerra em Berlim, antiga escola de artilharia, transformada em 1810 em Academia Militar, responsável pela formação do corpo de oficiais do Exército, uma ruptura com as práticas anteriores do Antigo Regime (STOKER, 2014, p. 24-37).

Em 1801, como primeiro colocado da turma, Clausewitz pôde escolher onde servir, optando por ficar na capital, Berlim, sendo designado como tutor militar de um dos príncipes da Prússia, assim se tornando

protegido de um deles, o Príncipe Augusto da Prússia, o que permitiu seu acesso aos salões da Corte, onde viria a conhecer sua esposa. O posto lhe concedeu tempo para estudar, integrar-se ao meio intelectual, obter contatos e ainda conhecer sua esposa, a condessa Marie von Brühl, experimentando uma nova dinâmica social até a derrota prussiana de 1806, na qual Napoleão destruiu o orgulho prussiano e deixou seu Exército em frangalhos (STOKER, 2014, p. 38-65).

Após um período como prisioneiro na França, no qual observou ironicamente, sobre seu tratamento naquele país e Napoleão, que “os conquistadores são sempre amigáveis...” (ROTHFELS, 1920, p. 97), Clausewitz retornou a Prússia, que, apesar de derrotada, manteve seu Exército, graças à admiração de Napoleão por este e pelos feitos do antigo rei prussiano Frederico II, o Grande, de quem era admirador. Entre 1807 e 1812, Clausewitz se envolveu em uma grande reforma do Exército prussiano que só foi encerrada com a decisão do rei prussiano de apoiar Napoleão na invasão da Rússia. Para Clausewitz, não valia a pena servir a quem ele chamou de “deus da guerra”, e ele, como muitos militares prussianos, seguiram para a Rússia para servirem no Exército russo contra os franceses (STOKER, 2014, p. 81-105).

A campanha da Rússia marcou uma série de campanhas na qual ele tomaria parte, primeiro como oficial russo e depois retornando ao serviço da Prússia, em 1813, daí chegadas as duas derrotas de Napoleão, em 1814 e em 1815, na campanha de Waterloo. Clausewitz foi promovido a general em fins de 1818 e assumiu a Academia de Guerra em Berlim, que formava os quadros do Estado-Maior do Exército prussiano (STOKER, 2014, p. 145-253).

Até 1830, ele teve tempo para se voltar a sua produção intelectual, refinando e mudando vários de seus escritos anteriores, e dedicando-se a escrever “*Da Guerra*”, que apesar desse tempo, permaneceu inacabado, dada sua partida para fronteira da Prússia com a Polônia, como parte de uma força de observação, onde acabou falecendo, vítima de cólera em 1831. Sua esposa, Marie, organizou seus escritos e publicou a primeira edição de “*Da Guerra*” em 1832 (STOKER, 2014: 254-281).

Sobre a influência de Clausewitz, consideramos os trabalhos de Paret (2015) e Strachan (2008) suficientes para uma adequada apresentação do general e pensador militar prussiano. A repercussão de sua obra no mundo pode ser mensurada por meio de Gray (2006), Herberg-Rothe e Strachan (2007) e Freedman, (2013), em que é possível observar como se deu a recepção internacional ao pensamento clausewitziano.

Tal período (1997-2019) foi selecionado para o entendimento dessa recepção, pois ocorreu, aí uma transformação tanto do aparato de Defesa no Brasil quanto do contexto internacional. No contexto internacional o fim da Guerra Fria (1945-1991) alterou a dinâmica com que agentes estatais civis e militares encaravam as agendas de segurança e defesa ampliando o interesse pela área na medida que as relações entre os entes internacionais se alteravam (BUZAN; HANSEN, 2012).

Nacionalmente entre última década do século XX e a década inicial do século XXI a área de Defesa tem uma série de mudanças importantes tanto na dimensão político-estratégica nacional, quanto na busca da criação de um diálogo com a sociedade, parte dele feita por meio do ensino nas escolas militares. Do ponto de vista político durante o governo Fernando Henrique Cardoso, temos a criação do Ministério da Defesa, em 1999 e o fim dos Ministérios Militares (ALSINA, 2003), provocando uma mudança na posição do *status* deles na República.

A publicação dos documentos nacionais relacionados ao campo da Defesa como “Política Nacional de Defesa”, a “Estratégia Nacional de Defesa” e o “Livro Branco de Defesa Nacional”, que se iniciaram na “Era FHC”, e tiveram as últimas versões dos documentos encaminhados ao Congresso em dezembro de 2018 (BRASIL. Câmara dos Deputados, 2018), marcaram importante passo na abertura de um diálogo civil-militar nos assuntos de defesa. Os documentos sofreram revisões e foram publicados em 2020 na forma da “Nova Política e Estratégia Nacional de Defesa” (BRASIL, 2020).

Nesse ínterim, há o fortalecimento de pontes de contato entre as Universidades, a chamada academia, e as Forças Armadas por meio de comissões, estabelecimento de fóruns, seminários e simpósios, além de financiamentos visando o estímulo ao desenvolvimento de pesquisas e de programas de pós-graduação voltados para a temática da defesa, como foi o caso dos editais do Pró-Defesa e o Pró-Estratégia. A Formação da Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ABED), demonstrava que havia um importante grupo de pesquisadores envolvidos em estudar os assuntos militares e pesquisar com os militares. Ocorreu ainda a formação de programas de pós-graduação em universidades federais, estaduais e em escolas de Altos Estudos das Forças Armadas; destacam-se aí o Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (PPGCM/ECEME) (NUNES, 2012); o Programa em Ciências Aeroespaciais da Universidade da Força Aérea

(PPGCM/UNIFA); e o Programa em Estudos Marítimos do Escola de Guerra Naval (PPGEM/EGN). É importante, ainda, salientar que esses programas estão concentrados na área 39 da CAPES – Ciência Política e Relações Internacionais, a qual assistiu na última década ao crescimento de programas ligadas à Defesa (CAPES, 2019), emergindo um subcomitê de “Estudos Militares e de Defesa”.

Tal abertura no campo acadêmico, com reflexões sobre diversas questões, como as relações civis-militares, a História Militar, os Estudos Estratégicos, a Base Industrial de Defesa/BID, a Defesa Regional, dentre outros temas possibilitou o contato de diversos públicos com as obras de Clausewitz.

Tais movimentações estimularam e impulsionaram os estudos nos campos do conhecimento citados, em especial, da Estratégia, e consequentemente, da obra de Clausewitz. Assim, entendemos tal recorte como o período mais relevante e no qual é possível mensurar, por meio de uma revisão bibliográfica, como se deu a abordagem do pensamento clausewitziano no Brasil. A busca foi realizada em bases de dados digitais (Scopus, *Web of Science*, Portal de Periódicos Capes, *Scholar Google* e *journals* disponíveis na web), a ampliação da abrangência de pesquisa para conter também fontes físicas, constituindo-se, assim, em um dos elementos de estímulo para futuros trabalhos com fomento específico.

Internacionalmente, no período, ocorriam discussões em torno da obra clausewitziana e sua validade dado o fim da Guerra Fria e um suposto crescimento do número de guerras de caráter irregular, em que um Estado enfrenta militarmente um ator não-estatal, o que automaticamente, segundo alguns autores, já circunscreveria qualquer análise fora de um paradigma dito clausewitziano (SMITH, 2005).

Autores diversos investiram em tal linha interpretativa, e construíram teses sobre como teria se processado tal mudança na natureza da Guerra, como Martin Van Creveld (1991), Edward Luttwak (2009), John Keegan (1997) e Mary Kaldor (1999). Embora não sejam autores brasileiros, é importante citá-los, pois exerceram influências no debate que o trabalho pretende mapear. Bassford (1994) tem trabalho que estuda a recepção de Clausewitz na Inglaterra e na América do Norte, especialmente nos Estados Unidos da América.

Tal como os estudos mostram a recepção do pensamento clausewitziano nesses países, o que estimula a refletir de que maneira esse processo ocorreu no Brasil, uma vez que o país sofre influências de diversas

potências ocidentais em seu pensamento militar e político-estratégico. Salutar que, apesar de distorções ou más interpretações, o pensamento clausewitziano surgisse e influenciasse militares brasileiros, pesquisadores e professores. Assim, a pergunta que norteia o presente trabalho é: como se deu a recepção do pensamento de Clausewitz no Brasil em anos recentes? Na esteira de tal reflexão, este ensaio busca fazer um levantamento sobre a recepção no Brasil, percebendo como ela é tratada. Para alguns autores, o pensamento clausewitziano é algo positivo e necessário à condução da guerra nos dias atuais; para outros, tal pensamento já se encontra superado, até antiquado, e sua adoção ainda pode implicar em fracassos e insucessos estratégicos. Mapear onde estão esses atores e quais são suas contribuições é um primeiro passo nesse sentido.

As seções que dividem este artigo têm a finalidade de apresentar e tecer algumas considerações sobre como as obras de Clausewitz chegaram ao Brasil, e como isso gerou uma produção intelectual local, com contribuições de pesquisadores, professores e militares e como serviu para um debate brasileiro, alimentado pela História Militar e pela Estratégia.

## **A RECEPÇÃO DO PENSAMENTO DE CLAUSEWITZ NO BRASIL, 1990-2019**

A obra de Clausewitz é vasta, embora, durante os primeiros anos após sua morte, fosse pouco acessível devido ao idioma alemão em que havia sido produzida. São livros e correspondências que revelam um sofisticado pensador militar, que foi capaz de estabelecer uma reflexão que sobreviveu a ele. Tais obras ganharam popularidade após a vitória prussiana sobre a França em 1870-71 e logo foram traduzidas para diversas línguas, especialmente o francês e o inglês, na medida em que cresceu o interesse pelo pensamento clausewitziano (STRACHAN, 2008).

Clausewitz teve poucas edições brasileiras, na extensão em que o tempo permitiu o mapeamento, e as duas edições são traduções de uma edição americana traduzida do alemão nos anos 1960, feita por Anatol Rapaport (CLAUSEWITZ, 1979; 1996; 2010). Não há uma tradução para o português das edições mais consagradas em inglês ou mesmo francês, muito menos diretamente do alemão. Em português vamos encontrar além de *Da Guerra*, seu estudo da Campanha da 1812 na Rússia (1994) e uma compilação sobre sua obra, que reúne fragmentos de *Da Guerra* (1988).

Isso, a nosso ver, causa certo direcionamento na observação

da obra clausewitziana, pois mais de uma tradução permitiria um interessante debate sobre as nuances da obra, ainda mais considerando seu caráter inacabado (STRACHAN, 2008). Ainda há citações a uma edição portuguesa, feita pela Editora Europa-América (CLAUSEWITZ, 1986).

Pode-se perceber inclusive, mediante análise de referências de teses de doutorado e dissertações de mestrado que trabalhem ou citem o pensamento clausewitziano acabam por trabalhar com versões de “Da Guerra” em idioma estrangeiro, destacando-se o inglês, em especial a tradução feita para o inglês por Michael Howard e Peter Paret (1984).

Tal informação tem como base pesquisa nas vinte e quatro teses e dissertações encontradas em busca sobre Clausewitz no “Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior” (CAPES - <https://www.capes.gov.br/>). Nota-se, na mesma pesquisa, que a produção é relativamente recente, com trabalhos entre os anos de 2002 e 2016. No entanto, por questões de delimitação, o presente trabalho não se ocupará de tratar sobre as teses e dissertações que foram encontradas. A despeito disso, destacam-se que os trabalhos permeiam em campos diversos do conhecimento, como Direito, História, Relações Internacionais, Ciência Política, Engenharia de Produção, Urbanismo, Psicologia Clínica, Filosofia e Sociologia, mostrando um diversificado alcance da recepção do pensamento clausewitziano na comunidade acadêmica brasileira.

O foco do trabalho em fazer uma breve análise sobre a produção de artigos tem como fundamento a crença de que eles permitem um debate mais dinâmico a respeito desse tema e são o principal veículo de divulgação acadêmica. Veremos no decorrer do texto que parte dos artigos encontrados são produtos das teses de seus autores, porém já expostos a um processo de revisão por pares feito pelas revistas acadêmicas.

## UMA ANÁLISE SOBRE OS ARTIGOS

Diferentemente dos múltiplos campos do conhecimento abordados pelas teses e dissertações, nos artigos observa-se uma concentração em torno da Ciência Política, Relações Internacionais e História.

A pesquisa no portal Scielo da produção anterior a 2002, obteve como resultado mais antigo uma publicação de 1994. O portal de periódicos da CAPES não revela a totalidade dos artigos que tratam de Clausewitz no Brasil, possivelmente por questões de indexação, em que eles foram

publicados. Embora não desejável, os citados artigos foram encontrados em busca no portal acadêmico do Google. Também foram observados três artigos citados na Plataforma Scopus, mas todos publicados por brasileiros em periódicos na língua inglesa.

O primeiro artigo que aparece no período determinado pelo trabalho é de Oliveiros S. Ferreira (1994) no qual o autor busca fazer uma apresentação e reflexão sobre a questão da política na obra clausewitziana, com forte influência da obra de Raymond Aron (1986a; 1986b), demonstrando claramente que era possível considerar para a política as questões que Clausewitz tinha identificado que regeriam o fenômeno da guerra.

Poucos são os artigos produzidos na década de 1990 que, a nosso ver, tenham uma relação com os processos de transformação das estruturas de Defesa e Segurança nacionais. Observa-se um aumento do número de artigos tal como o de teses e dissertações, na década de 2000.

O outro artigo que se encontra ainda na década de 1990, é o de Júlio Silva (1998), publicado na Revista da Escola Superior de Guerra. É a primeira reflexão feita por um militar, e será a única por algum tempo. O trabalho basicamente versa sobre a atualidade do pensamento clausewitziano através de uma trajetória histórica do século XX, com foco na Guerra Fria. O texto conta com a influência de Aron (1986a; 1986b), à maneira do artigo de Ferreira (1994).

A década de 2000 observa maior interesse em Clausewitz, possivelmente em paralelo com os estudos na área de Defesa e Segurança, ganhando forte impulso, com um ritmo constante de produção de artigos que tratam do pensamento dele, feitos tanto por civis quanto por militares.

Em 2003 se observam dois artigos de Carlos Silva (2003a; 2003b) nos quais são tecidas considerações à luz da teoria clausewitziana, quanto aos fenômenos do terrorismo (SILVA, 2003a) e sobre a lógica do emprego das Forças Armadas no combate ao crime urbano (SILVA, 2003b). No ano de 2005, Silva publica outro artigo, tratando sobre a questão da guerra moderna e da estética do pós-modernismo para considerar como se dá o fenômeno bélico por meio de uma análise sociológica de base marxista. Conclui sobre a complexidade totalizante do evento, valendo-se da teoria clausewitziana (SILVA, 2005).

Também em 2005, temos a primeira publicação em revista acadêmica estrangeira (*The Journal of Strategic Studies*) por Domício Proença Júnior e Érico Duarte (2005). Os autores lançam a proposta: da elaboração de um conceito de Logística a partir da obra de Clausewitz, abrindo frente

diversa da consagrada, que é influenciada pela obra de Antoine-Henri de Jomini (2008). Os autores fazem uma revisão da literatura sobre Logística Militar, colocando-a como insuficiente e incapaz de atender as demandas de pesquisa, bem como de atentar para a importância e capacidade regulatória que a logística tem sobre as operações militares e, portanto, sobre a própria guerra (PROENÇA JUNIOR; DUARTE, 2005).

O ano de 2006 assiste o ressurgimento de reflexões feitas por militares em artigos como os de Alves (2006) e Neto (2006). O primeiro faz considerações a respeito da consolidação do Ministério da Defesa, surgido em 1999, e se o processo estaria finalizado ou não, partindo de pressuposto ligado à teoria da guerra clausewitziana (ALVES, 2006). O segundo faz um estudo usando a teoria da guerra, para analisar a relação entre o Exército Brasileiro e a Guarda Nacional e como isso teve impactos na defesa do Império do Brasil, quando as duas instituições estiveram envolvidas em conflitos internacionais (NETO, 2006).

No campo das reflexões de base marxista, Martins Filho destaca a falta de estudos sobre como a teoria da guerra clausewitziana foi trabalhada por Karl Marx e Friedrich Engels. Especialmente, em Engels, fortemente marcado por suas leituras de Clausewitz, é grande o peso da teoria da guerra clausewitziana na construção do paradigma revolucionário marxista (MARTINS FILHO, 2006), ponto bastante desconhecido pelos estudiosos brasileiros.

Há outra contribuição de Proença Júnior e Duarte (2007) que se vale da teoria da guerra de Clausewitz como base de reflexão para o pensamento em Defesa Nacional, por meio da centralidade ocupada pelos Estudos Estratégicos, relatando importantes indagações ao final, como a perda de importância da Estratégia como disciplina vital ao processo decisório; ou mesmo em meio à Academia, dado o observar de novos paradigmas que acabariam mais por atacar o caráter da disciplina do que efetivamente contribuir para um real debate sobre sua evolução (PROENÇA JUNIOR; DUARTE, 2007).

Neiva Filho (2009), autor militar, trata a respeito do conceito de Operações Baseadas em Efeitos, buscando demonstrar as viabilidades da adoção pelo Exército Brasileiro do conceito então utilizado pelos Estados Unidos da América (EUA) e pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), lembrando o peso do conceito clausewitziano de Centro de Gravidade para as operações (NEIVA FILHO, 2009).

A década que se inicia em 2010 assiste a um aumento da

produção, acompanhando a tendência já iniciada nos anos 2000, no qual se observa profusão de artigos feitos por civis e militares, inclusive com coautorias entre civis e militares, dinâmica ligada ao crescimento e alargamento da área da Defesa, tanto pelo esforço institucional das Forças Armadas, quanto academicamente, com o crescimento do número de pesquisadores da área.

Em 2010 existem três trabalhos, começando pelo de Rosas Duarte (2010), que trata da ligação entre a teoria da guerra de Clausewitz e como se dá a guerra no ar, e o uso da força por meio aéreo, dentro do escopo da discussão das teorias das Relações Internacionais à luz da relevância dos Estudos Estratégicos como forma de facilitar o entendimento (ROSAS DUARTE, 2010).

Por sua vez, Almeida (2010) faz uso de Clausewitz para refletir sobre as vulnerabilidades e fraquezas da Estratégia Nacional de Defesa (END) de 2008, a qual delineia como prosaica e incapaz de atender o interesse brasileiro, bem como propõe elementos que, a seu ver, a END deveria possuir com vistas a corresponder aos objetivos por ela declarados (ALMEIDA, 2010).

Encerrando o ano, Diniz (2010) questiona a crítica de John Keegan (1996) sobre Clausewitz e argumenta que a teoria da guerra dele tem “validade científica”, ao mesmo tempo em que demonstra as contradições da interpretação de Keegan sobre o fenômeno da guerra, baseando-se no pressuposto clausewitziano como elemento basilar para os Estudos Estratégicos (DINIZ, 2010).

O uso de Clausewitz para estabelecer uma leitura crítica de instituições e documentos relativos à área de Defesa também é feito por Rodinei Silva (2011), o qual se vale da teoria da guerra para verificar se o fenômeno bélico se encontra subordinado à Política (SILVA, 2011).

O ano de 2012 mantém o ritmo da produção e recepção clausewitziana, é outro com produção interessante para os estudos de História Militar, com três artigos. Ramos (2012) faz uma análise sobre a questão da mobilização nacional, tanto em termos de homens para as Forças Armadas quanto de material para o fazer a guerra, por meio de uma trajetória de casos históricos, iluminando os pensadores que inspiraram tais processos, como Sun Tzu, Maquiavel e Clausewitz, além de líderes militares presentes nos casos apontados (RAMOS, 2012).

No campo marxista, Passos (2012) indica a influência de Clausewitz sobre Lenin, demonstrando o parentesco intelectual entre os dois, e

como a visão do líder revolucionário teve grande inspiração nas teses do general prussiano. Lênin, depois do mergulho na teoria clausewitziana, passa a considerar a ligação entre guerra e política como indissolúvel, e daí indica que a revolução também é uma forma de guerra. Para o líder revolucionário, guerra e revolução são as manifestações mais elevadas da política, da qual são parte (PASSOS, 2012).

Mendes (2012) faz uma crítica a postulados de dois teóricos da “paz democrática”, Oneal e Russett, nas Relações Internacionais, usando a teoria da guerra clausewitziana para demonstrar as fragilidades de tal corolário, desconsiderando o apontamento de Clausewitz, da guerra como fenômeno integralmente político, em prol de estabelecer uma crítica ao realismo, que se mostra falha por não captar a natureza do fenômeno bélico (MENDES, 2012).

Em 2013, observamos quatro artigos. Ferezin (2013) faz uma análise quanto à produção de militares brasileiros sobre Clausewitz na revista “A Defesa Nacional” e constata uma leitura enviesada, na qual o pensador é mais citado do que realmente lido, sendo ainda abordado mediante a lógica de Kaldor (1999) e Crevelde (1991), numa verdadeira contradição à teoria clausewitziana (FEREZIN, 2013), e revelando um vício acadêmico bastante comum: a recepção indireta e a recusa à leitura dos clássicos.

Lemos e Santos (2013) fazem uma análise dos conflitos do Império do Brasil, procurando mediar tal entendimento à luz de Clausewitz, demonstrando como o país, defrontado com o desafio da guerra, não poupou esforços no sentido de impor sua vontade ao seu inimigo, tendo buscado a preservação de seu próprio Estado (LEMOS; SANTOS, 2013).

Serrano faz uma crítica à tese da guerra de “Quarta Geração”, ao apontar a validade das teses clausewitzianas sobre o fenômeno bélico e a abrangência da teoria da guerra, demonstrando as fragilidades e desvantagens de opção por tentar classificar a guerra “em gerações”, o que, segundo o autor, contrariaria sua própria natureza (SERRANO, 2013).

Fechando o ano de 2013, Duarte faz uma análise do aumento de tropas dos EUA no Iraque em 2007, no movimento chamado “*The Surge*”, numa mudança de estratégia, corrigindo os erros de coordenação político-militar na invasão e posterior ocupação de 2003, com resultados de difícil avaliação.<sup>4</sup> Isso representou uma mudança da estratégia que regia as ações

---

<sup>4</sup> No contexto da Guerra do Iraque “*The Surge*” corresponde ao incremento de tropas americanas em Bagdá e na província de Al-Anbar ordenado pelo Presidente Bush em 2007 na ordem de 20 mil homens, conforme recomendações da comissão formada pelo think tank da

americanas com novos atores, atitudes e documentação oficial, com a produção de manuais e adoção de conceitos operacionais que dialogavam com a direção estratégica desejada. A despeito disso, o sucesso mitigado – Bagdá nunca se tornou uma cidade “segura”, muito menos o Iraque – do “*Surge*” se deu mais a relacionamentos interpessoais entre generais e líderes políticos do que do funcionamento efetivo ao qual os EUA aspiravam por meio dessa mudança (DUARTE, 2013).

O ano seguinte, 2014, testemunha a manutenção dos níveis da produção de artigos relativos à Clausewitz. O primeiro artigo do ano a ser tratado é de Pimentel e Neto (2014), uma colaboração entre um autor militar e um civil, desenvolvendo o argumento de que as possíveis falhas no conceito de guerra de “Quarta Geração” podem ser corrigidas mediante a aplicação limitada da teoria da guerra clausewitziana, que, na ótica dos autores, também não seria suficiente para explicar o fenômeno da guerra e suas mudanças no final do século XX e início do XXI (PIMENTEL; NETO, 2014).

No campo marxista, Passos (2014a) trata de como o pensamento gramsciano sobre a guerra evoluiu a partir de leituras marxistas de Clausewitz. Daí, Gramsci articula a ideia do fenômeno bélico como uma manifestação ampla, que pode abarcar tanto o enfrentamento entre Estados tal como o da violência como metáfora da política, dentro da lógica da luta de classes, elemento central do pensamento marxista (PASSOS, 2014a).

A relação entre Maquiavel, Clausewitz e a política na guerra é tratada por outro artigo de Passos (2014b), em que é possível perceber um diálogo estabelecido pelo general prussiano com a obra do pensador florentino, em seus escritos sobre a guerra e a política – por sinal, a chave da recepção de Clausewitz feita por Antonio Gramsci – por meio de uma ruptura com o pensamento político medieval, e ao que se pode dizer que, sem Maquiavel, não haveria a abertura para o pensamento clausewitziano, e ponto no qual reside a dificuldade “moral” da aceitação dele por parte de John Keegan (PASSOS, 2014b).

Outro artigo deste ano é o de Rezende e Ávila (2014), que faz um panorama sobre a questão da inovação na guerra e como esta, por meio de novas tecnologias, técnicas e procedimentos, teria provocado mudanças no fenômeno bélico. No texto o conceito de guerra é definido com base na teoria clausewitziana (REZENDE; ÁVILA, 2014).

---

American Enterprise Institute, Iraq Study Group e posto em ação pelo vice-presidente Dick Cheney e Condoleezza Rice. KILCULLEN, David. **The Accidental Guerrilla: Fighting Small Wars in the Midst of a Big One**. Oxford, University Press, 2009, p 179.

No conjunto de tais trabalhos, um destaque deve ser feito ao artigo de Diniz e Proença Júnior (2014), publicado no *"The Journal of Strategic Studies"*, no qual se propõe uma ordem diferente de leitura de "Da Guerra", de maneira a suprimir inconsistências que a obra possui por ser inacabada. Os autores argumentam que, a partir dessa ordem de leitura, é possível se aproximar dos estágios finais e mais desenvolvidos do pensamento clausewitziano, com o propósito de suprimir polêmicas e abusos na interpretação de seus escritos (DINIZ; PROENÇA JUNIOR, 2014).

No mundo da produção militar sobre Clausewitz, Neiva Filho (2014) destaca a aplicação das Teorias da Complexidade e do Caos nas operações militares e na própria organização das Forças Armadas, verificando como essas teorias se ligam na evolução da Arte da Guerra, por meio do conceito de "caosplexidade". Discordando dos autores que advogam tais ideias, Neiva Filho defende e identifica elementos dessas teorias já presentes em Clausewitz, em especial nos conceitos de "fricção", "acaso" e "interação". Destacando ainda a própria noção da Trindade Paradoxal clausewitziana, se encaixa na "caosplexidade", o que mostra a permanência e atualidade de Clausewitz (NEIVA FILHO, 2014).

Cecílio (2014) faz uma observação sobre como Raymond Aron interpretou o pensamento de Clausewitz, com influências de Montesquieu sobre os dois. Por meio disso, percebe-se que a interpretação de Aron evoluiu com a passagem do tempo, de forma que suas primeiras observações sobre Clausewitz diferem da sofisticação das observações feitas em um segundo momento da vida de Aron, decorrentes das mudanças nas condições da Guerra Fria e o papel desempenhado pela França nesse conflito global (CECÍLIO, 2014).

Fechando o ano, Mendes (2014) propõe uma distinção analítica sobre os fenômenos da guerra regular, da guerrilha e do terrorismo por meio da teoria da guerra clausewitziana. Em uma articulação na qual o objetivo seja o mesmo: a imposição da vontade de um contendor sobre outro, diferenças quanto à organização e capacidade de forças indicarão o caminho que os antagonistas vão escolher e por meio do qual farão o uso da força (MENDES, 2014).

O ano de 2015 é prolífico, com diversos trabalhos. O primeiro, de Passos (2015), trata sobre a construção da hegemonia nas relações internacionais em uma perspectiva gramsciana na qual, para que esse processo ocorra, a guerra é passo necessário, e ela só pode ser percebida mediante uma ótica que congregue as visões de Clausewitz e Gramsci

para a adequada compreensão (PASSOS, 2015).

Matos (2015) faz um trabalho de revisão de autores clássicos do pensamento estratégico, em que indica que a Trindade de Clausewitz tem laços com a dinâmica da economia, visto que esta regularia as relações que implicariam nos gastos públicos com as operações militares e as Forças Armadas (MATOS, 2015).

Morais (2015) usa a teoria clausewitziana para fazer uma análise da campanha alemã em 1941 contra a União Soviética, durante a Segunda Guerra Mundial. Por meio dos postulados de Clausewitz, os alemães incorreram em uma série de erros que redundaram com o fracasso na conquista da capital soviética, Moscou. O insucesso levaria a uma guerra de atrito que acabaria por destruir a Alemanha Nazista (MORAIS, 2015).

Paula (2015), no escopo da produção militar, no sentido de análise do fenômeno do terrorismo sob a ótica da teoria de guerra clausewitziana, destacando que autores que defendem uma obsolescência de Clausewitz estariam equivocados, posto que a “Trindade” deste não só se aplica ao entendimento do funcionamento de grupos terroristas e insurgentes, bem como seus objetivos se circunscrevem na dimensão política que a guerra possui no pensamento clausewitziano, o de imposição de vontades (PAULA, 2015).

Diniz e Proença Júnior (2015) traçam um quadro da dissociação entre as realidades dos Estudos Estratégicos e do Direito Internacional por meio do colapso dos fundamentos materiais que regulavam as capacidades coercitivas dos Estados, o que forçará, na visão dos autores, um reordenamento do Direito Internacional, no qual terão voz apenas os atores com maior capacidade de uso da força, se essa dissociação não for alvo de uma profunda e sustentada reflexão (DINIZ; PROENÇA JUNIOR, 2015).

Duarte (2015) faz uma operação de resgate do conceito de guerras limitadas, partindo da teoria clausewitziana e das leituras que Corbett fez a respeito disso. Avaliando conflitos recentes, o autor busca demonstrar a atualidade de Clausewitz (DUARTE, 2015).

Ainda há produção de Duarte com Mendes (2015) com uma proposta de lançar abordagem científico-metodológica para os Estudos Estratégicos, com fim de observar o fenômeno bélico por meio de um programa clausewitziano de pesquisa, valendo-se da teoria da guerra deste (DUARTE; MENDES, 2015).

O ano de 2016 traz novas contribuições ao estudo. Palácios Júnior (2016) faz uma análise das teses de Florestan Fernandes sobre a guerra e

como ela ocorre, identificando pontos de contato e divergências entre este e Clausewitz, e daí visa extrair reflexões para o debate sobre a ideia de “novas guerras” nas Relações Internacionais (PALACIOS JUNIOR, 2016).

Antunes (2016) faz uma crítica de fundo marxista à tese de Keegan (1996), que ataca Clausewitz, pois, a seu ver, esse ataque não se detinha no general prussiano, mas atingia também a Lênin, líder revolucionário e admirador das ideias de Clausewitz, adotando-as em seu paradigma revolucionário. O autor contesta a tese de Keegan, negando a primazia da cultura como razão da guerra, valendo-se do paradigma clausewitziano para entender os fenômenos da revolução e dos enfrentamentos bélicos sob a ótica leninista (ANTUNES, 2016).

Magalhães (2016), mais um pesquisador militar, faz uma análise da obra de Beaufre (1998), observando os conceitos de Estratégia por este desenvolvidos e buscando identificar as influências clausewitzianas no texto, bem como as oposições de Liddell Hart à obra do general prussiano, a quem imputava a responsabilidade de carnificina da Primeira Guerra Mundial (MAGALHÃES, 2016).

Coutinho e Gomes (2016) revistam Clausewitz para pensar a atualidade de seus conceitos após os atentados de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas nos EUA. Eles observam os elementos da “Trindade clausewitziana” e questionam, com suporte em autores como Mary Kaldor, sua validade para explicar a guerra na atualidade. Admitem a permanência do pensamento em visões como de Colin Gray e outros autores; terminando por referendar a importância atual de Clausewitz para pensar a guerra (COUTINHO; GOMES, 2016).

Judice e Jones (2016) se valem de Clausewitz para refletir sobre as questões de polaridade na geoestratégia global, como no caso do Mar do Sul da China, e para aquelas que envolvem o Brasil no Atlântico Sul, como o caso do pré-sal na costa do país. Valendo-se de traduções próprias, inferem no que consideram importante salientar que o Brasil esteja atento às alianças de interesses que se constroem para evitar cair em uma posição difícil (JUDICE; JONES, 2016).

Ferezin (2016) introduz salutar debate ao demonstrar com base em um debate público, ocorrido por meio da imprensa, como Clausewitz era lido e apropriado por militares do Exército Brasileiro entre os anos de 1889 e 1918, e como a recepção ao pensamento dele estava imiscuída no grande embate intelectual da época: qual modelo de Força Terrestre o Exército Brasileiro deveria seguir, com os oficiais divididos entre aqueles

simpáticos à França, inspiradora das diversas tradições republicanas brasileiras, ou à Alemanha, com um modelo caracterizado pela disciplina e eficiência. Nesse embate, a figura de Clausewitz ora foi percebida como um amoral técnico da guerra, ora como um pensador relevante a ser considerado (FEREZIN, 2016).

Em 2017, nos deparamos com o artigo de Romeu Daros, que faz uma comparação entre dois teóricos da estratégia militar (Clausewitz e Sun Tzu) e dois teóricos da estratégia governamental (Maquiavel e Carlos Matus), justificando a importância intelectual de ambos na elaboração de planejamentos estratégicos militares e de governo na atualidade (DAROS, 2017).

Um texto interessante é o de Liziero (2017), que procura identificar o conceito de guerra em Clausewitz desde passagens dispersas na obra até a mais conhecida que é a Trindade. Feito isso relaciona a guerra ao direito dos estados nacionais; postulando sobre como a guerra é um elemento de garantia da soberania e um direito dos estados *jus ad bellum* mas, mesmo durante o conflito, a permanência de regras existe *jus in bellum* (LIZIERO, 2017).

Sochaczewski (2017) traça observações sobre a Ciência e Arte Operacional, para demonstrar as possibilidades que um comandante em operações pode ter ao se valer do Design Operacional. Nisso, Clausewitz é um dos principais pensadores que abrem espaço para tal reflexão, visto que o general prussiano situou a guerra no domínio da arte, uma vez que ela se encontra caracterizada pela incerteza (SOCHACZEWSKI, 2017).

Macedo (2018) faz uma reflexão sobre a questão da guerra e sua relação com o Direito. Não sendo algo exógeno à sociedade e à política internacional, também não estaria alheia ao regramento jurídico, e assim, recorre-se a Clausewitz para que se entenda que, em vez de ser o último recurso nas mãos de políticos, o recurso ao uso da força foi naturalizado na prática política internacional, de maneira que os dois conceitos de guerra de Clausewitz servem para a compreensão desse processo (MACEDO, 2018).

Outro texto de 2018, *O conceito de Fricção: de Clausewitz à atualidade* (TAVARES; RAMOS; FRANCHI, 2018), que figura como um capítulo de uma obra que se propôs a reunir diferentes estudos voltados às Ciências Militares. No texto, os autores abordam o conceito de fricção elaborado por Clausewitz, dividindo-o em categorias e analisando a permanência, ou não, dessas categorias em autores contemporâneos.

Rodrigues (2018) aponta possíveis contribuições do pensamento

clausewitziano para a sociedade, em diversas escalas, da global à nacional. Por meio da observação da obra do general prussiano e como se deu recepção, pode-se afirmar que mudanças na percepção sobre o que é a guerra, bem como no preparo dos Exércitos, nos planejamentos de defesa dos países, assim como a subordinação da força ao poder político (RODRIGUES, 2018).

Em 2019, observa-se nova rodada de interesse por Clausewitz, como se vê no artigo de Luiz (2019), que pretende avaliar a estratégia enquanto um conceito filosófico mediante uma visão de Michel Foucault. Observando as contribuições para o pensamento estratégico ocidental, como as prestadas por Liddell Hart e Beaufre diante de Clausewitz e como isso é percebido por Foucault (LUIZ, 2019).

Vainfas e Barreiros (2019), buscando referências em um campo recente da História, a chamada *Big History*, refletem sobre, em seu ver, uma dicotomia imprópria sobre a guerra: seria ela cultural ou política? Nesse debate, em que a visão política da guerra é inspirada por Clausewitz e a cultural segundo a lente de John Keegan, se trata da figura da “cultura guerreira” e como ela permeia a sociedade, em relação ao poder político, demonstrando que essa dicotomia não seria real (VAINFAS; BARREIROS, 2019).

Por fim, Teixeira Junior (2019) faz um estudo sobre as possibilidades da guerra no futuro, e como ela pode sofrer influências de avanços científico-tecnológicos diversos, como a biotecnologia, a automação robótica e a inteligência podem mudar a forma da guerra ser travada, mas não sua natureza, identificada por Clausewitz, sendo a continuação da política por outros meios (TEIXEIRA JUNIOR, 2019).

**Tabela 01 – Distribuição de artigos por áreas de referências dos periódicos\*.**

Área de Estudo	Quantidade e Período de publicação (quantidade e ano)		
	1990-1999	2000-2009	2010-2019
Ciência Política	1 (1994)	1 (2006)	7 (2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2016)
Relações Internacionais	-	-	3 (2010, 2012, 2014)
Sociologia	-	2 (2003, 2006)	4 (2014, 2015, 2016)
Estudos Estratégicos	-	2 (2005, 2007)	10 (2010, 2013, 2014, 2015, 2016, 2018)
Filosofia	-	-	1 (2019)
Ciências Militares/Defesa	1 (1998)	3 (2006, 2009)	9 (2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019)
Letras	-	-	1 (2017)
História e História Militar	-	-	4 (2012, 2013, 2015, 2019)
Direito	-	-	2 (2017, 2018)
Total	2	8	41

\*Tomou-se em conta áreas de estudos anunciadas no *foco* e *escopo* dos periódicos ou sua classificação segundo o Qualis-Capes 2016.

Fonte: Elaborada pelos autores com base na bibliografia apresentada ao longo do texto.

## CONCLUSÕES

### CLAUSEWITZ E A INFLUÊNCIA DE SUA OBRA NO PENSAMENTO MILITAR BRASILEIRO

Ao investigar parte da produção acadêmica brasileira (artigos) no período entre 1990 e 2019, os resultados nos trouxeram evidências do uso das obras de Clausewitz como uma referência para autores brasileiros.

Como já dito, o aumento dos espaços acadêmicos de reflexão sobre Defesa estimulou discussões no campo da Estratégia que envolveram militares e civis, sendo a obra de Clausewitz objeto de discussões diversas, que ecoaram influências estrangeiras, tal como apresentaram debates que buscaram levar em conta realidades e perspectivas brasileiras.

Tal aumento não seria possível sem uma expansão do campo histórico e especial do fôlego da Nova História Militar. Tal movimento se embasa no próprio pensamento clausewitziano, para quem a História não era um repositório de ideias, mas um espaço para o exercício de testes de suas teses, um meio de estabelecer a reflexão sobre os eventos bélicos valendo-se da experiência histórica para a formulação de um pensamento

militar e estratégico (SUMIDA, 2001).

Considerando que Clausewitz tinha como finalidade de sua teoria a educação daqueles que tratassem do fenômeno bélico, como militares, e, porque não dizer, de civis, especialmente daqueles que venham a exercer cargos políticos e funções públicas ligadas à guerra – lembremos que ele participou ativamente da reforma do Estado prussiano após a derrota para Napoleão –, recurso à História e à Nova História Militar, são essenciais para que se possa construir o pensamento militar de forma crítica, como aspirado por Clausewitz (ROGERS, 2002).

Assim, a reflexão sobre o pensamento clausewitziano não se daria de outra que não com o recurso à História Militar, em especial em sua faceta nova, pois, com abrangência e profundidade, sem abrir mão do relacionamento com os outros campos do saber, como a Sociologia, a Antropologia e a Ciência Política. Dentre outros, traz contribuições valiosas para a demonstração da amplitude possível da Nova História Militar, congregando a interdisciplinaridade ao lado do conhecimento específico típico aos historiadores que trabalham com conflito, o embate e suas especificidades, demonstrando uma ampla gama de possibilidades nesse campo (PARET, 2009).

De fato, observamos a prevalência dos artigos em revistas das áreas de Estudos Estratégicos, Ciências Militares/Defesa e Ciência Política e Reações Internacionais – e a sub-área de Estudos de Defesa, como hoje é institucionalizada na Capes –, o que coincide com a área dos programas de *Stricto Sensu* das Escolas de Altos Estudos Militares (EGN, ECEME, UNIFA) e outros programas de pós-graduação que possuem linhas de pesquisa relacionadas com a Estudos Estratégicos/Defesa, conforme já apontado pelo documento de área da CAPES. Isso aponta que Clausewitz tem tido atenção de docentes, discentes e egressos dos programas ligados à área de Ciência Política e Relações Internacionais, em especial os conectados com os Estudos de Defesa (CAPES, 2019).

É possível que existam artigos dentro do recorte cronológico e que não tenham sido aqui abordados, devido a não indexação dos periódicos em bases da CAPES ou mesmo do Scielo, sendo que boa parte foi encontrada mediante uso do portal acadêmico do *Google*, ou em alguns casos no portal simples do *Google*. Nesse caso, fica o alerta para que ocorra uma melhor integração, de modo a facilitar trabalhos e pesquisas futuras, não só nesse tema, mas em outros e, antecipadamente, as escusas aos pesquisadores não contemplados no atual estudo.

Por fim, verificando-se a produção a partir de 2010, é possível afirmar, independentemente de abordagens positivas ou negativas, que o pensamento de Clausewitz vai ainda influenciar por algum tempo, dado que os debates sobre sua obra não se encontram encerrados e, em geral, no universo observado, o consideram de maneira positiva, sem a qual não seria possível um debate estratégico, vital para a elaboração de reflexões de um pensamento militar nacional.

A contribuição de Clausewitz e sua relação com a História, em especial a História Militar, pode ser sintetizada por uma citação de Isaiah Berlin (2013): “Where more than twenty interpretations hold the field, the addition of one more cannot be deemed an impertinence.” (BERLIN, 2013, p. 99). Embora tais palavras estejam no bojo de um ensaio sobre Maquiavel, se adequam tanto se tratarmos de Clausewitz, quanto da Nova História Militar.

# THE KNOWLEDGE OF WAR: THE THINKING OF CLAUSEWITZ IN BRAZIL (1990-2019)

## ABSTRACT

---

Carl von Clausewitz (1780-1831) is recognized as one of the greatest theorists of war in the western world. This study investigated how their knowledge has been used in Brazil between 1990 and 2019. The hypothesis is that during this period the transformations of the Defense apparatus in Brazil stimulated the debate on Strategy and consequently more works related to Clausewitz. The research was limited to the production in the form of articles and book chapters, due to the greater circulation of these means of dissemination than theses, dissertations or monographs. To conduct the survey investigated platforms: Scopus, Portal Capes, Google Scholar and academic journals sites. Results showed where and for what purpose Clausewitz has been working in Brazil.

**Keywords:** Military history; Military Sciences; Theory of War; Strategy; Clausewitz.

## REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Sergio Luiz Cruz. A Participação do Brasil nas Operações de Paz: passado, presente e futuro. **Brasiliana – Journal for Brazilian Studies**, v. 3, n. 2, p. 113-141, 2015.
- ALMEIDA, P. R. A Arte de NÃO Fazer a Guerra: novos comentários à Estratégia Nacional de Defesa. **Meridiano** 47. v. 11, n. 119, p. 21-31, 2010.
- ALVES, L. R. R. O Ministério da Defesa está consolidado? **PADECEME**. n. 12, p. 49-56, 2006.
- ALSINA JR, João Paulo Soares. A síntese imperfeita: articulação entre política externa e política de defesa na era Cardoso. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 46, n. 2, p. 53-86, 2003.
- ANTUNES, P. F. R. Lénine e Clausewitz: a guerra como continuação da política por outros meios. **Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**, ano XI, n. 21, p. 232-253, 2016.
- ARON, R. **Pensar a Guerra**: Clausewitz – a Era Europeia. Tradução de Elisabeth Maria Speller Trajano. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1986a.
- ARON, R. **Pensar a Guerra**: Clausewitz – a Era Planetária. Tradução de Elisabeth Maria Speller Trajano. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1986b.
- BEAUFRE, A. **Introdução à Estratégia**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.
- BERLIN, I. **Against the Current**: Essays in the History of Ideas. 2. ed. Editado por Henry Hardy. Princeton: Princeton University Press, [S. d.].
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **Decreto Legislativo nº 179, de 14 de dezembro de 2018**. Aprova a Política Nacional de Defesa, a Estratégia Nacional de Defesa e o Livro Branco de Defesa Nacional. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2018. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/2018/decretolegislativo-179-14-dezembro-2018-787452-publicacaooriginal-156961-pl.html>. Acesso em: 11set. 2020.
- BURKE, P. **A escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: UNESP, 1997.
- BUZAN, B; HANSEN, L. **A Evolução dos Estudos de Segurança Internacional**. São Paulo: UNESP, 2012.

CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior). **Documento de Área Ciência Política e Relações Internacionais 2019**. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/74-dav/caa2/4661-ciencia-politica-e-relacoes-internacionais>. Acesso em: 11 set. 2020.

CASTRO, C; IZECKSOHN, V; KRAAY, H. **Nova História Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CECÍLIO, M. F. Aron e Clausewitz: uma leitura epistemológica. **Revista Aurora**. v. 12, n. 1, p. 73-92, 2014.

CLAUSEWITZ, C. V. **Da Guerra**. Tradução de Maria Teresa Ramos. Brasília, DF: Universidade de Brasília: Martins Fontes, 1979.

CLAUSEWITZ, C. V. **On War**. 2. ed. Tradução para o inglês de Michael Howard e Peter Paret. Princeton: Princeton University Press, 1984.

CLAUSEWITZ, C. V. **Trechos de sua obra**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1988.

CLAUSEWITZ, C. V. **Da Guerra**. Tradução de Inês Busse. Mira-Sintra: Europa-América, 1986.

CLAUSEWITZ, C. V. **A Campanha de 1812 na Rússia**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CLAUSEWITZ, C. V. **Da Guerra**. 2. ed. Tradução de Maria Teresa Ramos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1996.

CLAUSEWITZ, C. V. **Da Guerra**. 3. ed. Tradução de Maria Teresa Ramos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

CREVELD, M. V. **The Transformation of War**. Nova Iorque: The Free Press, 1991.

CORVISIER, André. **La Guerre. Essais Historique**. Paris: PUF, 1995.

COUTAU-BÉGARIE, H. **Tratado de Estratégia**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010.

COUTINHO, R. S. R.; GOMES, V. L. C. Clausewitz e os conflitos irregulares: um panorama sobre as “Novas” guerras no século XXI. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 31, n. 62, p.171-183, jan./jul. 2016.

DAROS, R. P. O Pensamento Estratégico em Sun Tzu, Maquiavel, Clausewitz e Carlos Matus. **Gavagai – Revista Interdisciplinar de Humanidades**, v. 4, n. 2, p.83-102, 2017.

DINIZ, E. Epistemologia, História e Estudos Estratégicos – Clausewitz vs Keegan. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v.32, n.1, p.39-90, 2010.

DINIZ, E.; PROENÇA JUNIOR, D. A Criterion for Settling Inconsistencies in Clausewitz's On War. **The Journal of Strategic Studies**, v 37, n. 6-7, p.879-902, 2014.

DINIZ, E.; PROENÇA JUNIOR, D. The Collapse of the Material Foundations of Westphalian International Law. **Revista de Sociologia e Política**, v. 23, p.9-20, 2015.

DUARTE, E. E.; MENDES, F. P. A Ciência da Guerra – Epistemologia e Progresso nos Estudos Estratégicos. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, v. 2, n. 2, p.125-146, 2015.

DUARTE, E. E. Uma Análise Crítica Preliminar da Estratégia do Surge no Iraque, 2007-2010. **Conjuntura Austral**, v. 4, p.32-48, 2013.

DUARTE, E. E. Clausewitz, Corbett e o Desafio das Guerras Limitadas. **Revista da Escola de Guerra Naval**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p.117-146, 2015.

FEREZIN, C.C.W. Leituras de Clausewitz no Exército Brasileiro: Interpretações da Trindade da Guerra. **Teoria e Política, Revista de Ciência Política**, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 102-119, jan./jul. 2013.

FEREZIN, C.C.W. Clausewitz no Exército Brasileiro: o impacto das guerras e do profissionalismo militar (1889-1918). **Revista Estudos Políticos**. v. 7, n. 14. p.154-178, 2016.

FERREIRA, O. Clausewitz e a política. **Lua Nova**, n. 34, p.27-34, 1994.

FREEDMAN, L. **Strategy: a History**. London: Oxford University Press, 2013.

GRAY, C. S. **Strategy and History: Essays on Theory and Practice**. Oxon: Routledge, 2006.

ROTHFELS, Hans. **Carl von Clausewitz. Politik und Krieg**. Eine ideengeschichtliche Studie. Dümmler Verlag: Berlim, 1920.

JOMINI, A. H. **The Summary of the Art of War**: Restored Edition. Tradução para o inglês de G.H. Mendell e W.P. Craighill. Kingston: Legacy Books Press, 2008.

JUDICE, L. P. C.; JONES, C. M. Clausewitz e a Polarização Marítima no Século XXI: uma orientação teórica para a Estratégia Nacional de Defesa. **Revista Brasileira de Estudos Estratégicos**, v. 8, n. 16, p. 89-111, 2016.

KALDOR, M. **New and old wars – organized violence in a global era**. Stanford: Stanford University Press, 1999.

KEEGAN, J. **Uma História da Guerra**. 2. ed. Tradução de Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

LEMONS, T. T.; SANTOS, P. H. S. Reflexões sobre uma Epochal War: O Brasil e seus Vizinhos Platinos. **Cordis**, n. 11, p. 281-298, 2013.

LIZIERO, L. B. S. Pequeno ensaio sobre as relações entre a guerra e o direito. **Cosmopolitan Law Journal/Revista de Direito Cosmopolita**, v. 4, n. 1 e 2, p. 42-62, 2017.

LUIZ, F. Clausewitz, Liddel Hart, Beaufre, Foucault: O conceito filosófico de estratégia. **Ítaca**, n. 34, p. 192-204, 2019.

LUTTWAK, E. N. **Estratégia – A Lógica da Guerra e da Paz**. Tradução de Álvaro Pinheiro. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2009.

MACEDO, P. E. V. B. A guerra e a violência na política em Clausewitz. **Revista Quaestio Iuris**, v. 11, n. 04, p. 2916-2947, 2018.

MAGALHÃES, B. B. F. Beaufre, Hart, Clausewitz e os desafios da estratégia nacional. **Hemisfério – Revista del Colégio Interamericano de Defesa**, v 2, p. 51-62, 2016.

MARTINS FILHO, J. R. Engels & Marx, guerra e revolução. **Crítica Marxista**, v. XI, n. 22, p. 154-160, 2006.

MATOS, P. O. Implicações Econômicas na Guerra e no Poder Militar. **Tensões Mundiais**, v. 11, n. 20, p. 115-141, 2015.

MENDES, F. P. Clausewitz, o Realismo Estrutural e a Paz Democrática: uma Abordagem Crítica. **Contexto Internacional**, v. 34, n. 1, p. 79-111, 2012.

MENDES, F. P. Guerra, Guerrilha e Terrorismo – uma Proposta de Separação Analítica a partir da Teoria da Guerra de Clausewitz. **Carta Internacional**, v. 9, n. 2, p. 96-108, 2014.

MORAIS, J. R. G. S. Oportunidades Perdidas: Análise da Campanha Alemã na União Soviética em 1941, a partir da Teoria de Clausewitz. **Revista Brasileira de Estudos Estratégicos**, v. 7, n. 13, p. 188-210, 2015.

MOREIRA, L. G. S. Os múltiplos olhares sobre a história militar. **História Unisinos**, v.16, n. 3, p. 272-282, 2012.

MORILLO, S; PAVKOVIC, M. F. **What is Military History?**. Cambridge: Polity Press, 2006.

NEIVA FILHO, I. F. Operações Baseadas em Efeitos. **PADECEME**, n. 20, p. 75-89, 2009.

NEIVA FILHO, I. F. Complexidade, Caos e a Arte da Guerra. **Coleção Meira Mattos - Revista das Ciências Militares**, v. 8, n. 32, p. 117-123, 2014.

NETO, A. S. O. O Exército Brasileiro e a Guarda Nacional: as tensões e contradições do modelo de defesa territorial (1850-1873). **PADECEME**, n. 13, p. 56-70, 2006.

NUNES, R. F. O Instituto Meira Mattos da ECEME e o processo de transformação do Exército Brasileiro. **Coleção Meira Mattos - Revista das Ciências Militares**, v. 2, n. 26, 2012.

PALACIOS JUNIOR, A. M. A Sociologia Funcionalista de Florestan Fernandes, os Tupinambás e as Novas Guerras. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, v. 3, n. 1, p. 53-67, 2016.

PARET, P. The New Military History. **Parameters**, edição de outono 1991.

PARET, P. The Annales School and the History of War. **The Journal of Military History**, v. 73, n. 4, p. 1289-1294, 2009.

PARET, P. Clausewitz. In: PARET, P.; CRAIG, G.; GILBERT, F. **Construtores da Estratégia Moderna**. 2. ed. t. 1. Trad. de Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2015. p. 235-269.

PASSOS, R. D. F. Uma leitura sobre Lenin, Clausewitz, a revolução e a guerra. **Outubro**, n. 20, p. 151-169, 2012.

PASSOS, R. D. F. Gramsci, Clausewitz, Guerra e Política. **Informe Econômico**, v. 16, n. 31, p. 103-108, 2014a.

PASSOS, R. D. F. Maquiavel e Clausewitz: Da arte da guerra à política por outros meios. In: SALATINI, Rafael; Del ROIO, Marcos (org). **Reflexões sobre Maquiavel**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 145-158.

PASSOS, R. D. F. Hegemonia e Guerra no Plano Internacional na Perspectiva Gramsciana. **Informe Econômico**, v. 17, n. 34, p. 30-33, 2015.

PAULA, A. M. P. Terrorismo – A contemporaneidade da Trindade Clausewitziana. **Conjuntura Internacional**, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 185-196, 2015.

PIMENTEL, L. P. G.; NETO, T. E. O Estudo da Teoria da Guerra de Quarta Geração na Segunda Guerra do Golfo (2003). **Coleção Meira Mattos - Revista das Ciências Militares**, v. 8, n. 33, p. 175-183, 2014.

PROENÇA JÚNIOR, D.; DUARTE, E.E. The Concept of Logistics Derived from Clausewitz – All That Is Required So That the Fighting Force Can Be Taken As a Given. **The Journal of Strategic Studies**, v. 28, n. 4, p. 645-677, 2005.

PROENÇA JÚNIOR, D.; DUARTE, E.E. Os Estudos Estratégicos como Base Reflexiva da Defesa Nacional. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 50, n. 1, p. 29-46, 2007.

RAMOS, C. E. F. A importância da mobilização nacional sobre os ombros de gigantes. **Coleção Meira Mattos - Revista das Ciências Militares**. n. 27, 2012.

REZENDE, L. P.; ÁVILA, R. A Inovação e o Fenômeno Bélico. Austral. **Revista Brasileira de Estratégia & Relações Internacionais**, v. 3, n. 6, p. 225-248, 2014.

RODRIGUES, A. O. O legado de Clausewitz para a sociedade. **Revista Brasileira de Estudos Estratégicos**, v. 10, n. 19, p. 111-132, 2019.

ROGERS, C. S. Clausewitz, Genius, and the Rules. **The Journal of Military History**, v. 66, n. 4, p. 1167-1176, 2002

ROSAS DUARTE, G. M. M. B. Guerra no ar: combate aéreo e teoria da guerra de Clausewitz. **Relações Internacionais no Mundo Atual**, v. 1, p. 51-79, 2010.

SERRANO, M. O. L. A Guerra é Filha Única. **Coleção Meira Mattos - Revista das Ciências Militares**, v. 7, n. 28, p. 65-78, 2013.

SILVA, C. E. M. V. Trindade de Clausewitz e sua aplicação à análise do terrorismo. **Ideias**, Campinas, v. 10, n. 2, p.163-183, 2003a.

SILVA, C. E. M. V. A profissão militar e as mudanças na guerra: Devem os militares combater o crime urbano? **Olhar**, São Carlos, v. 05, n. 8, p. 56-64, 2003b.

SILVA, C. E. M. V. A estética do combate e a situação pós-moderna. **Teoria & Pesquisa**, v. 46, p. 83-99, 2005.

SILVA, J. S. D. Os conceitos de Clausewitz aplicados aos Estudos Estratégicos do mundo contemporâneo. **Revista da ESG**, ano XIII, n. 36, p. 185-194, 1998.

SILVA, R.T. Clausewitz no Ministério da Defesa do Brasil: a Democracia como Comandante da Guerra. **Revista de Geopolítica**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 117-128, jan./jul. 2011.

SMITH, M. L. R. Strategy in an age of 'low-intensity' warfare: why Clausewitz is still more relevant than his critics. In: DUYVESTYEN, I.; ANGSTROM, J. **Rethinking the Nature of War**. Nova Iorque: Frank Cass, 2005.

SOCHACZEWSKI, A. G. Ciência e arte operacional: uma perspectiva sobre o design. **Revista da Escola de Guerra Naval**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 131-156, 2017.

STOKER, D. **Clausewitz – His Life and Work**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2014.

STRACHAN, H. **Sobre a Guerra de Clausewitz**. Tradução de Maria Luiza X. A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

STRACHAN, H; HERBERG-ROTHER, A. (ed.) **Clausewitz in the Twenty-First Century**. London: Oxford University Press, 2007.

SUMIDA, J. T. The Relationship of History and Theory in On War: The Clausewitzian Ideal and Its Implications. **The Journal of Military History**, v. 65, n. 2, p. 333-354, 2001.

TAVARES, L. F. F.; RAMOS, C. E. F.; FRANCHI, T. O conceito de fricção: de Clausewitz à atualidade. In: FREIRE, F. F.; CELESTINO, S.; PEREIRA, A. C. (org). **Pesquisa em Ciências Militares**. 1. ed. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Pessoal do Exército, 2018. p. 169-205.

TEIXEIRA JÚNIOR, A. W. M. A guerra do futuro e suas implicações estratégicas: uma perspectiva Clausewitziana. **Análise Estratégica**, v. 11, n. 1, p. 18-24, 2019.

VAINFAS, D. R.; BARREIROS, D. P. Clausewitz, Keegan e a evolução da guerra: caminhos entre a racionalidade e a etologia. **OIKOS**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 87-102, 2019.

KILCULLEN, David. **The Accidental Guerrilla: Fighting Small Wars in the Midst of a Big One**. Oxford: University Press, 2009.

Recebido em: 27/04/2020

Aceito em: 27/04/2021

